

**SAÚDE DA FAMÍLIA E EDUCAÇÃO: INTERVENÇÃO  
INTERSETORIAL SOBRE SAÚDE MENTAL E DIREITOS HUMANOS  
NUMA ESCOLA PÚBLICA EM ARACAJU-SE**

**FAMILY HEALTH AND EDUCATION: INTERSECTORAL  
INTERVENTION ON MENTAL HEALTH AND HUMAN RIGHTS IN  
THE PUBLIC SCHOOL IN ARACAJU-SE**

**SALUD DE LA FAMILIA Y EDUCACIÓN: INTERVENCIÓN  
INTERSECTORIAL SOBRE SALUD MENTAL Y DERECHOS  
HUMANOS EN LA ESCUELA PÚBLICA EN ARACAJU-SE**

Matheus Sousa de Macena<sup>1</sup>  
Camila Oliveira Gonçalves<sup>2</sup>  
Lívia de Melo Barros<sup>3</sup>  
Cleberon Franclin Tavares Costa<sup>4</sup>

**RESUMO**

Relato de experiência de um estagiário do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), cujo projeto de intervenção objetivou debater sobre Saúde Mental e Direitos Humanos no ambiente escolar, unindo conceitos de saúde da família e de educação. A intervenção foi realizada numa turma de ensino fundamental II, na faixa etária de 13 a 17 anos, de uma escola pública localizada próxima a unidade de saúde do estágio. Seis encontros foram realizados e as atividades foram bem recebidas pelos alunos. A execução do projeto e a experiência de estágio cumpriram os objetivos iniciais de discutir sobre a temática e, dessa forma, foi possível inferir sobre a importância da Psicologia no contexto da saúde pública, sobretudo na atenção primária.

**Palavras-chave:** Saúde da Família. Educação. Saúde Mental. Direitos Humanos.

**ABSTRACT**

Experience report of a trainee of the Family Health Support Center (NASF), whose intervention project aimed to discuss mental health and human rights in the school environment, uniting concepts of family health and education. The intervention was carried out in a class of primary education II, in the age group of 13 to 17 years, of a public school located near the health unit of the stage. Six meetings were held and the activities were well received by the students. The execution of the project and the internship experience fulfilled

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia pela Universidade Tiradentes, Aracaju, SE. E-mail: matheus\_sm5@live.com.

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE. E-mail: camila.goncalves@aracaju.se.gov.br.

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Aracaju, SE. E-mail: meloliviab@gmail.com.

<sup>4</sup> Mestre em Saúde e Ambiente pela Universidade Tiradentes, Aracaju, SE. E-mail: costacleberon90@gmail.com.

the initial objectives of discussing the thematic and, in this way, it was possible to infer about the importance of Psychology in the context of public health, especially in primary care.

**Keywords:** Family Health. Education. Mental Health. Human rights.

## RESUMEN

Relato de experiencia de un pasante del Núcleo de Apoyo a la Salud de la Familia (NASF), cuyo proyecto de intervención objetivó debatir sobre salud mental y Derechos Humanos en el ambiente escolar, uniendo conceptos de salud de la familia y de educación. La intervención fue realizada en una clase de enseñanza fundamental II, en el grupo de edad de 13 a 17 años, de una escuela pública ubicada cerca de la unidad de salud del estadio. Se realizaron seis encuentros y las actividades fueron bien recibidas por los alumnos. La ejecución del proyecto y la experiencia de prácticas cumplieron los objetivos iniciales de discutir sobre la temática y, de esta forma, fue posible inferir sobre la importancia de la Psicología en el contexto de la salud pública, sobre todo en la atención primaria.

**Palabras clave:** Salud de la Familia. Educación. Salud Mental. Derechos humanos.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata a experiência de um aluno de Psicologia, ao executar o projeto de estágio vinculado ao programa Núcleo de Saúde da Família (NASF) na cidade de Aracaju-SE. A atuação no âmbito da educação pública, prevista no projeto, reuniu profissionais do NASF numa prática multidisciplinar voltada para Psicologia da Saúde. O projeto de intervenção teve como proposta a promoção da conscientização de adolescentes da rede pública de ensino acerca de temas voltados para saúde mental ligado à temática dos Direitos Humanos. Para entendimento das nuances e bases do trabalho realizado, é necessária a compreensão do Sistema Único de Saúde (SUS), sobretudo da atenção básica. Nesse setor, tanto o NASF quanto o Programa de Saúde na Escola (PSE) são importantes programas de prevenção em saúde. Ademais, é possível debater sobre práticas que unem saúde, educação e cidadania.

O Sistema Único de Saúde (SUS) foi implementado com a promulgação da Constituição Federal de 1988. A partir disso, a Saúde passou a ser vista como uma das partes constituintes da Seguridade Social e que deve ser universal e acessível a qualquer pessoa (BRASIL, 1988). Paim (2015) traz que existem três níveis de atenção que compõe o SUS, sendo eles: primário (voltado para a prevenção, de baixa complexidade); secundário (média complexidade); terciário (alta complexidade). A experiência apresentada neste artigo refere-se ao nível primeiro de atenção, também chamado de “atenção básica”.

A atenção básica consiste num conjunto de ações de saúde, nos âmbitos individual e coletivo, que visa à promoção e proteção a saúde, bem como prevenção de agravos, diagnóstico, reabilitação, redução de danos e manutenção de saúde (BRASIL, 2012). Em 2008, os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) foram integrados à atenção básica, e foi a partir daí que a psicologia adentrou neste nível de atenção. Os NASF's são constituídos por equipes multiprofissionais e que atuam para dar suporte às equipes de Saúde da Família, através da partilha de saberes e práticas de saúde sob o mesmo território, atuando no matriciamento a estas equipes (SPINK, 2010).

O NASF está institucionalizado na esfera da atenção primária em saúde. Sendo assim, é fundamental entender como acontece o diálogo entre a atenção básica e a educação. Quando se fala sobre intervenção em saúde, refere-se às propostas pedagógicas problematizadoras, capazes de provocar reflexão crítica e processos de transição. Sendo assim, a educação por ser um espaço de problematizações, dialoga diretamente com processos de promoção e ensino em saúde (YASUI; GARCIA JR, 2018).

O Ministério da Educação e o Ministério da Saúde lançaram o Programa Saúde na Escola (PSE), executado pelas equipes de saúde da família e do NASF, com o propósito de formar sujeitos envolvidos com o progresso na qualidade de vida. Ademais, o PSE visa o empoderamento dos estudantes, utilizando o espaço escolar como um campo de desenvolvimento do pensamento político e promotor de cidadania (BRASIL, 2011).

O projeto de estágio ligado ao curso de Psicologia da Universidade Tiradentes foi realizado junto ao NASF, localizado numa Unidade de Saúde da Família, numa escola pública estadual localizada na cidade de Aracaju - SE. A preparação foi feita por um acadêmico do 8º semestre do curso de Psicologia da Universidade Tiradentes e por uma psicóloga do NASF, sendo que a efetivação foi feita inteiramente por estes e, em partes, por outros profissionais do NASF e estudantes da disciplina de Práticas de Psicologia I, da mesma instituição de ensino.

O projeto foi nomeado “Saúde Mental e Direitos Humanos na Escola”, com o objetivo de impulsionar práticas que provocassem reflexão sobre os direitos humanos e a saúde mental dos alunos. Dentre atividades desenvolvidas, tivemos: inclusão do indivíduo do espectro autista na escola; discussão acerca das variáveis que envolvem a sexualidade; conversa a respeito de como a saúde mental é afetada pela violência; diálogo acerca da conscientização acerca de relações interpessoais saudáveis no ambiente escolar. Os temas trabalhados foram os seguintes: autismo; sexualidade; violência contra a mulher; bullying; combate ao abuso

sexual de crianças e adolescentes.

## **METODOLOGIA**

A execução do projeto ocorreu no meses de abril e maio do ano de 2018, numa escola pública estadual em Aracaju-SE com a turma de ensino fundamental II com 28 alunos na faixa etária de 13 a 17 anos. Antes da execução das atividades, o projeto foi apresentado à direção e coordenação pedagógica da instituição para que fosse autorizado e uma das turmas fosse direcionada, de acordo com o perfil do grupo.

Seis encontros semanais foram realizados, sendo desenvolvida uma atividade temática para cada um deles.

Atividade 1 – Dinâmica de Apresentação. Cada adolescente recebeu um papel ofício tamanho A4 e giz de cera que foram colocados numa mesa ao centro. Solicitamos que eles desenhassem algo que os representasse. Após esta etapa, misturamos os desenhos e distribuímos um para cada pessoa, então pedimos que eles olhassem para o desenho e tentassem descobrir de quem era o desenho que eles tinham recebido, e explicasse para turma o porquê.

Atividade 2 – Sexualidade. Uma história fictícia (com tema da sexualidade) foi dividida em três partes e dividimos a turma em três grupos, dando uma parte da história para cada grupo. Cada grupo tinha um mediador e os indivíduos deveriam debater e problematizar aquela história.

Atividade 3 – Autismo. Alunos do 2º período de Psicologia da Universidade Tiradentes (Unit) propuseram um projeto de prática educativa, junto ao estagiário e a psicóloga do NASF. Foi realizada roda de conversa para discutir a respeito do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a entrega de cartilhas produzidas pelos alunos convidados. Após esta etapa, aconteceu o jogo de perguntas e respostas sobre o tema explicado anteriormente.

Atividade 4 – Violência Contra a Mulher. Outro grupo de alunos da Unit (também do 2º período), juntamente ao estagiário e a psicóloga, organizou uma roda de conversa sobre a Lei Maria da Penha. A atividade foi iniciada espalhando imagens no chão com cenas de diversos tipos de violência, pedindo aos alunos que as observasse e debatessem em grupo sobre aquelas figuras.

Atividade 5 - Dia Nacional de Combate a Exploração Sexual de Crianças. Foram

apresentados vídeos que abordavam o tema e em grupo foram discutidas estratégias de enfrentamento ao problema por meio da leitura de casos reais.

Atividade 6 – Bullying. Outro grupo de alunos da Unit compareceu para contribuir com as intervenções. Um saco cheio de papezinhos dobrados preparado, sendo que em cada um deles tinha algum texto ou frase sobre bullying. Numa roda ao som de uma música, o saco era passado de um aluno para outro, e quando a música parasse quem estivesse com o objeto da mão iria pegar um papel, ler a frase e debater com o grupo sobre possíveis reações e atitudes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vivenciar o estágio no NASF provocou reflexões acerca da importância que a Psicologia assume e quanto que é necessária para a promoção e prevenção em saúde. Sabemos que a proposta da política de atenção básica, os atendimentos ambulatoriais não são inerentes ao NASF (PERRELLA, 2017), sobretudo por parte da Psicologia, contudo esta prática foi recorrente em todo o processo de estágio. Por meio da observação e interação com a equipe, percebemos que diversos fatores como a demanda administrativa e comunitária não dão visibilidade as ações do psicólogo. No entanto, foram feitos grupos terapêuticos, visitas domiciliares, rodas de conversa na comunidade e a execução das atividades previstas no projeto de estágio.

Visando a promoção de autonomia, foi estimulado pensamento crítico por meio de debates, discussões e questionamentos, em vez de meras divulgações repassadas para a comunidade sem qualquer adaptação. Estabelecer informações específicas para serem passadas é um paradoxo quando se fala em saúde mental da atenção primária à saúde, pois esta é ampla e complexa, devido a todos os fatores sociais, educacionais e culturais envolvidos para cada sujeito (KLEIN; D'OLIVEIRA, 2017).

No semestre anterior, uma roda de conversa com o tema “suicídio, depressão e *bullying*” foi realizada na escola que recebeu o projeto. A psicóloga do NASF e mais dois estagiários foram os interventores. A coordenação pedagógica informou que precisava de profissionais e estagiários de Psicologia lá, devido a diversas demandas que o ambiente apresentava, dentre elas problemas ligados a estresse, vício em drogas, ansiedade e gravidez precoce. Compreendendo o trabalho de prevenção e promoção de saúde que o NASF tem

como propósito, e que a saúde e educação estão intrinsecamente ligadas, a escola foi escolhida como espaço de aplicação do presente projeto de estágio.

### 3.1 Atividade de Apresentação

A primeira atividade do projeto foi realizada no espaço de aula da turma, num miniauditório da escola devido à quantidade de alunos da turma. Inicialmente eram 36 matriculados, mas acabou reduzindo para 28 através de um remanejamento. No dia em questão, 25 alunos estavam presentes e um optou por não participar da tarefa. Os interventores foram levados até a sala por uma professora, que os apresentou e passou a palavra para eles.

A psicóloga e o estagiário se apresentaram e explicaram que ocorreriam seis encontros semanais para trabalhar o tema “Saúde Mental e Direitos Humanos”. Foi pedido que cada aluno falasse seu nome e sua idade, sendo assim os interventores identificaram idade mínima de 13 anos e máxima de 17.

Uma dinâmica de apresentação foi planejada, buscando identificar a autopercepção que os alunos tinham de si e do outro, por meio da linguagem não verbal. Tal dinâmica favoreceu a integração grupal, pois como as aulas tinham iniciado há poucas semanas e havia alunos novatos na turma, o grupo ainda não estava integrado.

Foram distribuídos folhas de papel, uma para cada aluno, e disponibilizados gizes de cera, lápis e canetas. Foi solicitado pelos interventores que eles fizessem na folha um “autorretrato”, ou seja, escrevessem e/ou desenhassem algo que os representasse, servisse como uma apresentação de si mesmo. As regras: não colocar o nome na folha e não olhar para o desenho dos colegas. Quando cada um terminava seu desenho, um interventor o recolhia. Após todos encerrarem, os desenhos foram misturados e distribuídos entre a turma. Os alunos foram orientados para que olhassem para o desenho que receberam, analisassem e pensassem quem seria o autor daquele desenho.

Alguns estudantes verbalizaram que não faziam ideia de quem seria aquele desenho, pois conheciam poucas pessoas da turma, enquanto outros falaram com segurança e facilidade o seu palpite sobre o desenhista em questão. Após todos darem suas sugestões, foi pedido que cada um procurasse seu desenho e o apresentasse para a turma, explicando o porquê daquela figura. Os desenhos eram diversos, incluindo objetos tecnológicos (computador, celular, TV, entre outros) ou não (por exemplo, livros ou campo de futebol), ou palavras ligadas a símbolos (por exemplo, “vaquejada” dentro de um coração vermelho).

Quando todos terminaram, os mediadores falaram sobre o porquê da atividade, explicando a importância de refletir sobre a percepção que se tem acerca do outro e perceber como nos apresentamos para os demais, e também que a tarefa seria uma ferramenta de conhecer a turma melhor para preparar dinâmicas mais adequadas ao perfil dos adolescentes para as próximas intervenções.

### 3.2 Sexualidade

Esta atividade foi executada pelos mesmos mediadores da anterior e contou ainda, com a participação da fonoaudióloga do NASF. A escolha se deveu ao fato de ter sido uma demanda apresentada pela coordenação pedagógica e também por perceber na literatura a importância de debater o tema, como por exemplo, quando Quirino e Rocha (2013) enfatizam sobre o espaço escolar ser essencial para promoção de saúde, sobretudo quando se fala em sexualidade. O espaço foi o mesmo utilizado na semana anterior. Quando todos os alunos entraram na sala, foi solicitado que eles se dividissem em três grupos (cada um formando um círculo de cadeiras), com oito participantes em cada um (24 alunos estavam presentes). Cada grupo foi liderado por um dos mediadores. O objetivo da atividade era que os adolescentes pudessem discutir e se posicionar sobre relatos com a temática de sexualidade na adolescência, sendo que estes traziam subtemas como gravidez, contracepção, infecções sexualmente transmissíveis (IST), entre outros.

Havia um relato único, dividido em três partes, sobre uma garota de 15 anos de idade que em sua primeira relação sexual não usou preservativo e acabou engravidando. A primeira parte da história foi sobre os primeiros contatos com o namorado e o planejamento do momento sexual, a segunda parte era sobre o momento em que o casal fez sexo sem o uso de preservativos, pois o rapaz se negou a fazer isso, e a terceira parte era o final da história, em que a garota descobriu que estava grávida. Cada grupo ouviu apenas uma parte da história.

Após a leitura da história pelos mediadores, o subgrupo debateu sobre as problemáticas de cada trecho. Por exemplo, quem deve planejar a contracepção no casal, possibilidades de contrair IST numa relação sem proteção, os desafios de uma gravidez na adolescência, entre outras questões. Os subgrupos conversaram e debateram por dez a quinze minutos.

Após essa etapa, foi aberto um círculo com toda a turma e foi lida a história em sua totalidade, explicando que todos os relatos eram ligados aos mesmos personagens. Nesse

momento, a turma inteira pôde dialogar, contar histórias que presenciaram ou viveram, e também mostrar suas impressões. Num caso específico, uma aluna relatou sobre os desafios que uma mulher passa quando engravida muito jovem, a exemplo de sua própria mãe que passou por isso e o rapaz se negou a assumir a guarda da filha, fazendo isso quando a mesma já tinha dez anos de idade. A turma de modo geral discutiu sobre a paternidade, dialogando que esta deve ser cumprida por meio da presença afetiva na vida do progenitor e não somente financeiramente.

Ao final da atividade, os interventores se despediram e disseram que voltariam na semana seguinte. Algumas alunas foram até os interventores para abraça-los e agradecer pela atividade, dizendo que estavam achando tudo muito produtivo e que estavam ansiosas pela atividade seguinte.

### 3.3 Transtorno do Espectro Autista

A terceira atividade foi aplicada pela psicóloga, estagiário e mais cinco alunos da Universidade Tiradentes, que tinha um projeto de intervenção com a temática “autismo”. A intervenção foi realizada na sala de vídeo da escola. As cadeiras foram arrumadas em semicírculo e depois os alunos foram chamados para a sala.

Além de ter sido escolhido como um dos temas pela coordenação pedagógica da escola, pesquisas apontam que o número de diagnósticos de autismo tem crescido significativamente, e o espaço escolar deve promover a inclusão do sujeito autista (SCHMIDT *et al.*, 2016).

A introdução foi feita apresentando os novos mediadores convidados. A atividade foi iniciada com a apresentação dos mediadores convidados, logo após deu início a uma dinâmica de aquecimento de grupo com o objetivo de proporcionar maior interação entre os alunos e que eles pudessem perceber suas capacidades de socialização, interação, dinamismo e liderança. Um dos mediadores pediu que os alunos ficassem de pé e formassem um círculo segurando as mãos uns dos outros. Em seguida foi solicitado que cada um memorizasse a pessoa que estava do seu lado direito e do seu lado esquerdo. Depois pediu que eles largassem as mãos e caminhassem para direções aleatórias por alguns passos. De repente, o mediador pediu que todos parassem e dessem as mãos para as pessoas que estavam de mãos dadas na posição inicial, isso sem sair do lugar. Após isso foi pedido que todos tentassem abrir o círculo novamente, sem soltar as mãos. Em alguns minutos o grupo conseguiu formar um



círculo perfeito novamente.

Finalizada a tarefa, foi exibido na TV um vídeo didático explicando informações básicas sobre autismo. Após a exibição do vídeo, um mediador distribuiu as cartilhas que continham informações importantes (sinais, sintomas, comportamentos, direitos, entre outros) sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) para os alunos e cada um dos interventores apresentou informações sobre como é o sujeito autista, especialmente sobre suas relações interpessoais. Nesse momento, alguns alunos comentaram que havia alguns estudantes autistas na escola e que aquelas informações seriam úteis.

Depois desse momento a turma foi dividida em duas equipes, para a execução de uma dinâmica de perguntas e respostas, cujas respostas poderiam ser encontradas na cartilha ou no vídeo apresentado. A turma se empenhou em realizar a atividade e foi muito colaborativa.

Quando o jogo terminou, os interventores se despediram e agradeceram a turma pela participação. Alguns alunos os procuraram para elogiar a atividade e perguntar se haveria mais intervenções, pois estavam gostando muito. Uma aluna específica comentou “Estou achando muito bom, até estou perdendo minha timidez”. Um interventor agradeceu pela gentileza e informou que voltaria na semana seguinte.

### 3.4 A Violência contra a Mulher

A temática é de extrema importância quando analisamos a violência familiar e de gênero enquanto um problema de saúde pública, como como sua interferência no desenvolvimento humano (SCHMIDT; COELHO, 2017).

A intervenção foi realizada em sala de aula pela psicóloga, o estagiário e mais cinco alunas convidadas. As convidadas, após serem apresentadas ao grupo, expuseram para a turma a proposta da atividade, cujo tema era “violência contra a mulher”. Enquanto uma das convidadas apresentava informações básicas sobre o tema, outra iria colocando quatro imagens no chão, que retratavam alguns tipos de violência contra as mulheres.

Logo após, foi pedido que os alunos ficassem de pé e caminhassem pela sala, depois pediu-se que se atentassem às imagens no chão e as analisasse. Feito isso, todos se sentaram e começaram uma discussão sobre cada imagem. Um mediador foi à frente da turma e levantou cada imagem, uma a uma, para que os alunos comentassem o que eles entendiam sobre cada cena ali representada. Para cada imagem uma mediadora lia algum relato feminino de violência e dava uma explicação sobre os tipos de violência (física, moral, patrimonial e

psicológica). Foi explanado também sobre a Lei Maria da Penha, uma legislação brasileira sobre violência doméstica contra mulheres. A moça que deu o nome à lei sofreu violência por parte do marido e se tornou paraplégica devido a um tiro por arma de fogo disparado por ele.

Finalizado esse momento, os alunos puderam compartilhar experiências e histórias que já presenciaram e/ou ouviram, inclusive chegaram a falar casos ocorridos com alunas da própria escola. Após o debate a atividade foi encerrada.

### 3.5 Debate temático acerca do “Dia Nacional de Combate e Enfrentamento ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes”

A atividade foi realizada apenas pela psicóloga e pelo estagiário na sala de vídeo. Antes de os alunos chegarem, foi formado um semicírculo com as cadeiras e alguns papéis foram colados em baixo de algumas delas. O tema foi “Dia Nacional de Combate e Enfrentamento ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes”, que é 18 de maio. Essa data foi escolhida devido a morte de Araceli, uma criança de 8 anos de idade que foi sequestrada, torturada, abusada sexualmente e morta durante o governo militar, e o caso foi censurado e abafado na época a pedido dos advogados dos réus. Para iniciar a atividade foi explicado o porquê do tema, abordando em relação ao caso Araceli e passando alguns vídeos (produzidos pelo canal “Oficina de Imagens” no site Vimeo) que falavam sobre estratégias de enfrentamento, redes de apoio e explicando os conceitos de abuso sexual e exploração sexual.

Os papéis colocados abaixo das cadeiras continham relatos reais de crianças e adolescentes que sofreram abuso ou exploração sexual. Para que pudesse ampliar a discussão, em algumas histórias havia o tema transexualidade ou prostituição. Os alunos que se sentaram em uma cadeira que estivesse marcada deveria ler a história para a turma. Caso aluno não se sentisse à vontade os mediadores poderiam fazer isso, mas todos os alunos aceitaram fazer a leitura.

Quando todos terminaram, as histórias foram debatidas e se iniciou uma discussão para que fosse explicado sobre o que seria abuso em cada história e o que seria a exploração sexual. Devido ao tempo curto disponibilizado não foi possível abrir para mais debates e compartilhamento de experiências, então a atividade foi finalizada após a discussão. Percebeu-se a relevância do tema com a observação da mudança de postura de alguns alunos, que no início da atividade chegaram a rir discretamente, mas que ao final da mesma demonstraram compreensão do tema abordado.

### 3.6 *Bullying*

A última intervenção foi feita pela psicóloga, estagiário e mais um grupo de seis alunas convidadas. O tema do “*bullying*” é apontado por Zequinão et al. (2016) como um problema de extrema complexidade, que precisa ser cada vez mais estudado e também divulgado nos mais diversos espaços. Entendemos aqui *bullying* como o ato intencional de ofender e machucar alguém, seja de forma física e/ou emocional (PUHL, KING, 2013). A sala foi organizada em círculo e os alunos foram chamados. As convidadas se apresentaram e pediram que a turma se apresentasse (cada um falando o próprio nome) e fizeram uma dinâmica de aquecimento chamada “telefone sem fio corporal” em que, de pé, os alunos formavam um círculo e ficavam de costas olhando para fora. Uma aluna foi escolhida para criar um movimento corporal aleatório e ela passou para o colega da direita sem que os outros olhassem, que seria repassado de colega em colega. Ao final, o movimento executado pelo último aluno era diferente do primeiro movimento.

Após esse primeiro momento, fora pedido que todos se sentassem. A discussão sobre o tema *Bullying* começou com as convidadas apresentando o conceito e como a prática do *bullying* prejudica a saúde mental da vítima, sendo abordado as estratégias de enfrentamento – como eles enquanto alunos podem ajudar em casos de *bullying* no dia a dia, além da escola. Em seguida, foi aplicada a última dinâmica, com o uso de um saco feito de tecido contendo alguns papéis dobrados dentro, cada um trazendo um relato, pergunta ou frase ligada a *bullying*. O saco iria passar pelo círculo de um por um ao som de uma música, quando a música parasse o aluno que estava com o saquinho na mão deveria abrir e pegar um papel, ler e comentar sobre. Os colegas que desejassem também poderiam comentar e acrescentar ao que foi falado pelo colega.

Como os alunos comentaram bastante a cada frase ou texto que era sorteado, não foi possível que todos os alunos pudessem sortear algum papel. Além de comentarem algumas impressões acerca do que estava escrito, os alunos falaram também sobre histórias que presenciaram e ouviram falar. Ao final, um aluno retirou um papel com o qual se identificou. O mesmo tratava sobre um garoto que era maltratado pelos colegas, mas era procurado por eles quando precisavam da sua ajuda. O aluno disse que isso aconteceu muito com ele, que sofria *bullying* por alguns colegas que já teve na escola, mas que eles solicitavam seu suporte durante as provas. Duas colegas se posicionaram defendendo o colega e uma delas afirmou

que caso ele precisasse da turma todos estariam junto dele, fazendo-o chorar (aparentemente de emoção). Nesse momento a dinâmica foi finalizada com aplausos da turma. Os alunos procuraram os mediadores para agradecer pelas intervenções feitas e elogiar o trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Problemas inerentes aos serviços públicos de modo geral, como por exemplo, escassez de recursos e desorganização, também faz parte do cotidiano das Unidades de Saúde da Família. Existe também o desafio da desvalorização quando o trabalho é voltado para a prevenção em saúde, pois na cultura brasileira a prevenção é praticamente inexistente em maior parte da população e as pessoas tendem a buscar o SUS somente quando um quadro de adoecimento já está instalado ou em manifestação (LIMA; CARVALHO; COELI, 2018). Os profissionais de saúde da família precisam se engajar, deste modo, tanto na luta por um serviço de melhor qualidade quanto na conscientização social da importância da prevenção.

As intervenções, apesar de terem ocorrido em um espaço curto de tempo, conseguiu levar a uma maior integração do grupo alvo da intervenção, como por exemplo, quando na última atividade os colegas apresentaram uma atitude de acolhimento a um colega que relatou episódios de exclusão. Dessa forma, faz-se necessária uma continuidade de atividades com essa proposta tanto na escola que recebeu o projeto quanto uma ampliação de práticas de saúde (especialmente da Psicologia) no âmbito escolar/educacional.

A experiência de unir saúde da família e educação inferiu que o espaço dos psicólogos nos serviços públicos é indispensável para a realização de práticas que visem o bem estar coletivo e com uma Psicologia acessível e capaz de provocar conscientização coletiva acerca dos fenômenos que envolvem a saúde mental.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Saúde na Escola**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.
- KLEIN, A. P.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L. O "cabo de força" da assistência: concepção e prática de psicólogos sobre o Apoio Matricial no Núcleo de Apoio à Saúde da Família. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, n. 1, p. e00158815, 2017.
- LIMA, L. D.; CARVALHO, M. S.; COELI, C. M. Sistema Único de Saúde: 30 anos de avanços e desafios. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 7, p. e00117118, 2018.
- PAIM, J. S. **O que é o SUS**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2015.
- PERRELLA, A. C. O cotidiano do psicólogo em um núcleo de apoio à saúde da família: relato de uma experiência. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 1, p. 54-65, 2017.
- PUHL, R.; KING, K. Weight discrimination and bullying. **Best Practice and Research Clinical Endocrinology & Metabolism**, v. 27, n. 2, p. 117-127, 2013.
- QUIRINO, G. S.; ROCHA, J. B. T. Prática docente em educação sexual em uma escola pública de Juazeiro do Norte, CE, Brasil. **Ciência & Educação**, v. 19, n. 3, p. 677-694, 2013.
- SCHMIDT, B.; COELHO, E. S. B. Abordagem da violência familiar na Estratégia Saúde da Família: Revisão da literatura. **Psicologia Argumento**, v. 31, n. 74, 2017.
- SCHMIDT, C. et al. Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Psicologia: teoria e prática**, v. 18, n. 1, p. 222-235, 2016.
- SPINK, M. J. P. **A Psicologia em diálogo com o SUS: prática profissional e produção acadêmica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- YASUI, S.; GARCIA J. R, C. A. S. Reflexões sobre a formação para o SUS e sua articulação com a pesquisa e a in(ter)venção nos cenários das práticas e dos serviços. **Interação em Psicologia**, v. 22, n. 3, p. 158-165, 2018.
- ZEQUINÃO, M. A. et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa**, v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016.